

AS REVELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DO MODERNISMO: ESCAVAÇÕES LITERÁRIAS POR MINAS GERAIS

LIMA, Nilo da Silva¹

RESUMO: Este artigo apresenta o resultado parcial de pesquisa em andamento acerca do centenário da Semana de Arte Moderna, a partir da possibilidade de reescrita da historiografia literária advinda da pluralidade de vertentes do Modernismo pelo interior de Minas Gerais, especificamente, em São João del-Rei e Ponte Nova.

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo, Historiografia literária, Bastidores da criação, Fontes primárias.

O Modernismo: um rizoma

O Modernismo, que não foi e continua não sendo um consenso geral, ainda é capaz de trazer para o cenário das artes, do pensamento e da literatura brasileira novas vertentes que desafiam a historiografia literária a se reescrever por elas.

Não é que o Modernismo seja inesgotável. Por outro lado, ele não é senão plural. Por isso, passados cem anos da Semana de Arte Moderna (1922), ele ainda não foi completamente abordado, nem concluído, haja vista a multiplicidade de vertentes, a pluralidade de modernismos tardios que revelam o caminho inverso por eles trilhados, por vezes, desterritorializados do chamado grande centro do movimento: São Paulo, depois Rio, e até Belo Horizonte, como outros centros, cujos registros voltam à cena e ao cenário das celebrações de seu centenário.

O rizoma Modernismo continua revelando múltiplas conexões, inspiradas por seus programas, por seu ânimo, por seu ímpeto de renovação da arte brasileira, que se fez e que agora se mostra feito, também, dos bastidores do movimento, longe dos centros canonizados por esta escrita, do interior, da periferia das cidades, inclusive das cidades menores, para o núcleo do movimento nos centros urbanos que se tornaram a tradição territorial do Modernismo. Cem

¹ Mestre em Teoria da Literatura pela UFMG. Livre pesquisador de literatura brasileira. limas59@gmail.com

anos depois, e ainda são reveladas fontes inéditas do Modernismo, sobretudo pelo interior do Brasil.

Os esforços de resgate e inserção às celebrações do centenário do Modernismo, não os escombros, mas os bastidores, as penumbras dessa múltipla mineração literária, demonstram que o Modernismo fora de São Paulo e Rio de Janeiro possivelmente tenha em Minas Gerais uma das mais relevantes adesões, e, ao mesmo tempo, veementes aversões que se alinham ao próprio deboche contemporâneo de seu nascimento (BOAVENTURA, 200, p 187-347). Não apenas pela veiculação jornalístico-literária de matérias à época ou um pouco depois, ainda no limiar do desejo de criação de uma identidade para a arte brasileira contraditória à produção artística proposta pelo Modernismo, mas no sentido da persistência do pensamento e da própria arte literária arraigados aos cânones literários parnasianista e simbolista que convivem com o arrombo modernista.

Uma característica peculiar da cultura, das artes, da literatura, destas minerações, ora em processo retomado de novas escavações por Minas Gerais é, não a contradição, mas a simbiose entre passado e presente, tradição e modernidade que a cultura mineira, de modo peculiar, sempre realiza numa espécie de entrelugar que cabe confortável em seu território geográfico e cultural. Por isso Mario de Andrade vem a Minas Gerais, em 1919, pela primeira vez, “com o fito de buscar as origens de um gênio artístico autenticamente brasileiro e para visitar o poeta Alphonsus Guimarães” (NATAL, 2007, p. 193-194) e intitula a segunda viagem a Minas, em 1924, “viagem de descoberta do Brasil”, ambas as viagens em busca de história e passado. Portanto, não por um saudosismo que destoaria do projeto modernista e dos desejos do Mario de Andrade, antes, por entender que o fundamento do Modernismo brasileiro estaria no resgate, no estudo, na preservação, no diálogo polifônico que se estabeleceria entre o passado histórico e o futuro na sua corporificação pelo presente, na própria responsabilidade histórica do presente para com o passado. Daí não uma, mas outras viagens, não exclusivas de Mario de Andrade, mas de outros nomes expressivos do Modernismo a Minas Gerais.

Nesse sentido, em dezembro de 2021, com apoio do Fundo Municipal de Proteção ao Patrimônio Cultural do Município de São João del-Rei (FUMPAC), da Academia de Letras de São João del-Rei, da Prefeitura Municipal de São João del-Rei através da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, lançamos o *Dicionário de escritores e poetas são-joanenses* (2021), com o objetivo de endossar, ainda que minimamente, essa escavação literária pelas minerações

literárias advindas do imenso manancial de fontes primárias imersas, esquecidas, abandonadas pelos inúmeros arquivos, públicos e particulares, para resgatar dos sombrios e empoeirados labirintos desses acervos toda uma riqueza inexplorada. Lançar sobre ela as luzes dos estudos contemporâneos de literatura, acenar para a possibilidade de reescrever, ou melhor, de continuar, aqui por Minas Gerais, a reescrita da historiografia literária, vocação cultural de Minas Gerais, pela travessia por seus territórios rizomáticos, em permanente conexão com a chamada grande literatura, que será sempre maior quanto mais cuida e promove a reescrita de si, de forma a incorporar essas margens, as vertentes dessas margens ainda aquém das cartografias literárias contemporâneas.

Uma plêiade de escritores e poetas são-joanenses foi resgatada pelo resultado parcial dessa pesquisa, dentre eles, Otto Lara Resende (1922-1992), cujo centenário faz conexão com as celebrações do centenário do Modernismo. O esforço por um processo de democratização de acesso a esse patrimônio cultural são-joanenses se dá à medida que se estabelece a possibilidade de uma cartografia de autores são-joanenses, que são patrimônio cultural da literatura de Minas Gerais e do próprio País.

A abordagem da literatura, das celebrações do Modernismo por esse olhar que se faz de seus bastidores tem referência teórica no pensamento de Gilles Deleuze (1925-1995), que escreve juntamente com Félix Guattari (1930-1992), com destaque para o conceito de rizoma aplicado aos estudos do acervo, num entendimento de que no acervo não há e nem se procura um eixo genético, têm-se cartografias de multiplicidades de linhas e elementos que não cessam de se conectarem entre si e com a rede maior da história, da literatura e da cultura, num movimento de contínuo deslocamento, incompletude e renovação (LIMA, 2055, p. 240).

A crítica genética alinhada às pesquisas em fontes primárias se firma como um caminho propício aos estudos literários e que valoriza, não a obra publicada, isoladamente, mas, sobretudo, o texto amplo, em que mais do que a retomada do escritor e do poeta, retoma-se a investigação de seu processo de criação que revela o artista sem separá-lo do homem.

Afinal, Bloom (2013, p.16) diz ser “enganosa toda tentativa de separação entre vida e literatura”.

Quanto mais se desenvolve a pesquisa de um acervo, mais o pesquisador se aproxima da consciência de que, mesmo pertencendo a um autor, no conjunto de seus elementos e na cartografia de suas conexões, ele se impõe como “a possibilidade de promover a articulação,

ainda hoje rara, entre a obra literária e seus elementos internos com o sistema literário e sócio-histórico-cultural a que pertence” (BORDINI, 2009, p. 37).

No paradoxo que leva o pesquisador a uma espécie de contágio do mal ou furor de arquivo, no entendimento de Jacques Derrida: “um arder de paixão, um desassossego incessante e interminável de procurar o arquivo onde ele se esconde, um desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico” (DERRIDA, 2001, p. 118), e mais do que uma ação perseguidora, apaixonada, paciente, prazerosa e repetitiva, operando por deslocamentos do sujeito e por reconhecimento de suas funções, uma referência à abordagem propícia ao resgate desses “germes incubados de futuros soterrados, tão desejados no presente” (ROLNIK, 2009, p.105).

Suplemento Literário do Jornal do Povo

No âmbito das escavações desse arquivo (minerações literárias), o pesquisador Luciano Sheikk, publica imprescindível estudo de resgate da história da literatura em Ponte Nova, e, a partir dos primeiros resultados de sua pesquisa, tomamos conhecimento da publicação e circulação do *Suplemento Literário do Jornal do Povo*, pouco desconhecido dos estudos literários contemporâneos não obstante se constitua em imprescindível fonte primária de estudo, compreensão e reconhecimento da extensão do Modernismo realizado pelo interior de Minas Gerais com um rigor crítico compatível com o que se fazia em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte e até mesmo em Cataguases.

O *Suplemento Literário do Jornal do Povo* circulou por todo o País e até no exterior, durante três anos, com tiragens bimestrais. Em carta a Ivo Barroso, em 20 de outubro de 1951, Antônio Brant Ribeiro, criador do *Suplemento Literário do Jornal do Povo*, assim o define:

O suplemento é, com efeito, publicação independente, dirigida por um grupo de rapazes que nada tem a ver com o jornal propriamente. Quando me veio a ideia de fundá-lo, fui apoiado pelo jornal, que se prontificou a editá-lo e a distribuí-lo sem quaisquer despesas para nós. Aceitei a oferta, organizei o corpo de direção e o de redatores e meti as mãos à obra. E é só. (SHEIKK, 2016, p. 30).

Em crônica, de 30 de abril de 1956 (SHEIKK, 2016, p. 126) o poeta se refere ao *Jornal do Povo*, dizendo que ele é “um pedaço vivo de Minas que nos vem pelo Correio”:

[...] um pedaço vivo de Minas, uma possibilidade material de sonho enviada pelo Correio [...] Seu cheiro de tinta se transfigura no ar montanhoso das Gerais queridas; seus nomes familiares nos frequentam durante o dia inteiro, na sala das lembranças...

No livro *Pesquisa da História da Literatura em Ponte Nova* (2016), primeiro estudo de fontes primárias do jornalismo e da literatura de Ponte Nova, Luciano Sheikk ressalta que “a linha mestra do editor do jornal era atrair e reter talentos na escrita, independentemente de posição ideológica, estilo, popularidade ou posição religiosa” (SHEIKK, 2016, p. 53). Ou seja, antes mesmo da criação do Suplemento Literário, dezoito anos antes, o *Jornal do Povo* inova como laboratório da escrita literária, em que os talentos encontrem e, ao mesmo tempo, construam juntos esse movimento literário no interior de Minas Gerais. Muitos escritores, poetas, jornalistas e outros intelectuais dispõem apenas das folhas desse jornal e do arquivo em que eles se transformam, como único meio de publicação, circulação (distribuição), memória e acervo de sua produção artística e literária, que, malgrado os porões em que permanecem relegados à margem de estudos, chegam ao presente como oferta à responsabilidade histórica do presente por eles. Fato que ocorre tanto aos escritores e poetas são-joanenses quanto aos pontenovenses. O que requer da pesquisa, por vezes, um longo período de busca, negociação, convivência e estudo com estes arquivos e nestes arquivos. Nem sempre se trata de um processo pacífico, por implicar uma série de incômodos familiares, públicos, de curadoria, e até mesmo casos em que a democratização do acesso não se realiza.

Não nos é impossível vislumbrar, nesse projeto inaugural, no ato de sua criação, os cinquenta anos de publicação que o *Jornal do Povo* atingiria. Tampouco, atentar-se para a consciência do que representava, naquele momento, e do que significaria para a história e a memória cultural e literária de Ponte Nova e de Minas Gerais.

O *Suplemento Literário do Jornal do Povo* nasceu 29 anos após a Semana de Arte Moderna e, nesse ano 2022, aos 72 anos de sua primeira edição, em 10 de setembro de 1950, aos 100 anos da Semana de Arte Moderna, em meio às comemorações do centenário desse marco histórico que trouxe novos ares e inspirações para a cultura brasileira, reiteram-se os

esforços pelo seu resgate, estudos, pesquisas e ascensão ao cenário dos estudos contemporâneos de literatura, pela sua pertinência em literatura e em cultura brasileira.

Mais do que meras celebrações, tratam-se de dois eventos que se atam como possibilidades de se pensar, nesse momento, ao limiar do século XXI, a cultura, a arte e a literatura brasileira desse século. Considerando as distâncias, as dificuldades, a escassez de recursos e até mesmo a consciência crítica dos intelectuais de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, esses 29 anos que distanciam a Semana de Arte Moderna e a primeira edição do Suplemento Literário do Jornal do Povo, talvez nem sejam tanto tempo assim, posto que é provável que nesse período inicial o próprio movimento modernista tenha chegado às primeiras avaliações de sua ação pelo Brasil. Aliás, reiteramos que o Modernismo, de certa forma, não se concluiu, passados esses primeiros cem anos. Não se trata de imaturidade, ao contrário, da capacidade do Modernismo de se revitalizar, tanto pela pesquisa quanto pela produção cultural contemporâneas.

Os três anos de publicação do Suplemento Literário se inscrevem no âmbito da temporalidade das “folhas literárias de vida brilhante, mas efêmeras” como destaca Augusto Viegas (VIEGAS, 1974, p.77), em seu estudo sobre a imprensa de São João del-Rei. Brevidade que caracteriza tanto os jornais, as revistas quanto os suplementos literários pelo interior do País. Uma efemeridade que não é exclusiva à falta de recursos financeiros para manutenção desses periódicos, dentre outras dificuldades de percurso, mas diz também ao fato de seus projetos serem de inspiração e produção de jovens ansiosos pelo próprio ritmo da modernidade, fascinados pela necessidade de se expressar, porém, marcados pela inconstância, pelas diásporas que obrigam os jovens a sair em busca de formação, emprego, carreira artística pelas cidades maiores, impossibilitando uma longevidade desses programas jornalísticos que funcionavam, como vimos, como laboratório da escrita literária. Por outro lado, são esses vestígios de programas culturais pelo interior que, resgatados, trazem à luz, mesmo cem anos depois da Semana de Arte Moderna, o testemunho dos esforços e de uma paixão semelhante pela cultura, pela literatura e pela arte em trânsito pelas cidades do interior, lançando luzes sobre essas vertentes do próprio Modernismo que continua sendo reescrito por essas pesquisas que fazem o mesmo caminho dessa produção cultural, das margens para os grandes centros culturais, dos bastidores dessas minerações para as luzes dos estudos contemporâneos de arte, cultura e literatura.

Foram criadores do *Suplemento Literário do Jornal do Povo*, formando o conhecido “Grupo de Ponte Nova”: Aníbal Lopes (1882-1947), jornalista, poeta, fundador do *Jornal do Povo*; Jamil Santos (1906-1957), jornalista, poeta, crítico literário, dedicado à literatura infantil; Antônio Brant Ribeiro (1910-1971), graduado em Direito pela Faculdade Nacional de Direito e pela Escola de Belas Artes, jornalista, poeta, ensaísta, crítico literário, professor, tradutor; Nelson Alves (1911-1989), cronista e poeta; Olegário Lopes (1887-1969), contista, cronista, apaixonado pela cidade e Mário Clímaco (1913-2033), poeta, jornalista, professor, historiador.

Ao contrário do que se nota, nos movimentos literários criadores de jornais, revistas, suplementos literários, a princípio, não são jovens iniciantes, porém, de uma jovialidade que se faz pelo desejo de criar um círculo cultural em que as ideias e a literatura se mostrem como um modo de vida (BLOOM, 2013, p. 16). Um olhar o mundo e uma maneira especial, apaixonada e transformadora desse mundo pela criação literária. Sobretudo, a partir de uma cidade do interior de Minas Gerais em sintonia, em diálogo com o que se fez nos grandes centros, como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo.

Luciano Sheikk (2013), no livro *A história da literatura em Ponte Nova*, resgatando, em primeira mão o *Suplemento Literário do Jornal do Povo*, destaca fragmento de um artigo de Mário Clímaco:

Se o *Suplemento* ganhou fama em Minas e nas páginas de revistas do Rio de Janeiro, deve-o, além, dos pontenovense idealistas, os colaboradores do porte de Edgar Vasconcelos, Vivaldi Moreira, Presidente da Academia Mineira de Letras. Junto com seu irmão, o também acadêmico Edson Moreira, os acadêmicos Milton Campos, Afonso Arinos de Melo Franco, José Mariano Duarte Lanna, José Grossi, Ivo Barroso, Rosário Fusco, Edward Leão, perdoadas as omissões, autênticos, escritores do quadro modelos [...] Entre nomes de cidadãos naturais da cidade e de autores adotivos, formou-se, então, em 1950, um movimento cercado de jovens intelectuais, o conhecido *Grupo de Ponte Nova*, que impulsionou o “*Suplemento do Jornal do Povo*”, lançado em 10 de setembro daquele ano, e fez dele uma ambiciosa publicação, marco de um período da historiografia literária do município, caracterizado pelo elevado nível literário e cultural dos seus colaboradores, (poetas, cronistas, artistas plásticos, políticos), uns mais esporádicos, outros bem assíduos (CLÍMACO apud SHEIKK, 2013, p. 50).

O *Suplemento* não se fecha em si, em sua plêiade, mas tanto expande o jornal por outras cidades de Minas e do Brasil quanto traz para as suas páginas escritores e poetas que escrevem em revistas, jornais e suplementos literários pelo Brasil, e até mesmo no exterior. Por

consequente, revela escritores e poetas importantes para a Literatura Brasileira, como Ivo Barroso, Belmiro Braga, Edgar de Vasconcelos Barros, José Maria Mayrink, Laene Teixeira Mucci, Lindolfo Lino Belico, Mário Clímaco, Sebastião Rodrigues Sette e Câmara, dentre outros.

Nesse aspecto, a recepção do *Suplemento do Jornal do Povo* entre outros escritores, como Rosário Fusco, da *Verde*, de Cataguases; Afonso Ávila, da revista *Vocação*, de Belo Horizonte, que também inclui o poeta Carlos Drummond de Andrade; Abgar Renault, da Academia Brasileira de Letras; Fabio Lucas, do *Diário de Minas*; Murilo Rubião que seria o criador, em 1966, quinze anos depois de *O Suplemento Literário de Minas Gerais*; dentre outros escritores, jornais e revistas pelo País, chegando ao exterior, segundo Sheikk (2016, p. 35-37) requer um olhar crítico e cuidadoso.

Nesse sentido é que Edgar Vasconcelos, no artigo “A metrópole e a província” destaca que:

Tenho acompanhado com particular emoção e interesse o surto renovador da atividade editorial que vem abrindo válvulas à inteligência brasileira, em tantos lugares do interior do país. [...] E o Suplemento Literário do Jornal do Povo, que aí se publica, é um belo testemunho da força sutil, mas ponderável, desse movimento generalizado, com o qual a cultura nacional está recebendo, da periferia para o centro, um influxo benéfico, de autêntica seiva nova. Tenho inveja de A. Brant Ribeiro e de seus companheiros que, do fundo da mata mineira, puderam demonstrar que é possível ceder às solicitações do espírito e praticar a melhor e mais penetrante literatura, sem sair de sua gleba natal (VASCONCELOS apud SHEIKK, 2016, p. 56).

A relevância do resgate do *Suplemento Literário do Jornal do Povo*, nesse ano em que se completam os seus setenta e dois anos de criação, evoca o pleno entendimento, que hoje é possível, da riqueza do patrimônio histórico, cultural e da memória literária do próprio País, que ainda clama por ser escrita da “gleba natal”, das margens para os grandes centros canonizados da Literatura, como ressalta Sheikk, citando Adelino D’Azevedo, poeta e professor de Literatura da Faculdade de Filosofia de São Paulo: “Cada vez mais convencido estou de que é da periferia para o centro que os valores literários se projetam mais pujantes, mais originais e mais brilhantes” (2016, p. 37). Momento que se retoma o compromisso, a obrigação que se tem, deve-se manter do conjunto desse acervo, cujo resgate, estudo, divulgação e preservação permanecem nos bastidores dos estudos e pesquisas literárias, nos porões dos arquivos por onde o tempo, malgrado o esforço da paixão, de certa obsessão, mal ou furor de arquivo por procurá-

lo onde estiver e preservá-lo. Um clamor silencioso por investimentos, por novos olhares, pela sua inclusão no âmbito dos estudos literários.

Enfim, pelo que guardam e preservam dessa paixão pela cultura, pela literatura, pela memória, não apenas de Ponte Nova, mas de Minas Gerais e da Literatura Brasileira pela possibilidade de um movimento contínuo de reescrita da historiografia literária, posto que haja inúmeras vozes silenciadas, empoeirando-se nos porões dos arquivos, nos bastidores da literatura e dos estudos literários, isentas, primeiro de resgate, depois vontade política pela preservação do patrimônio artístico, de investimento cultural que as tomem altissonantes em sua relevância histórica e cultural.

Busca-se, pois, com o resgate do *Suplemento do Jornal do Povo* não uma “autorização” da tradição literária e crítica, mas a introdução de novas temporalidades e espaços culturais na própria reinvenção da tradição, como um desafio às definições de tradição, modernidade, identidade, ao reencenar uma “gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes” (BHABHA, 1998, p. 24).

Ora, se: “O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com "o novo" que não seja parte do *continuum* de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. (BHABHA, 1998, p. 27)

O que se pretende e o que se tem com a retomada das pesquisas do *Suplemento Literário do Jornal do Povo* não se trata de anseio nostálgico pelo passado, mas de uma refiguração desse passado como um interstício em que ao se renovar, inaugura um novo espaço de escuta das vozes dessa minoria periférica da tradição literária de Minas Gerais e do Brasil, que, no âmbito de seu direito de se expressar, a partir dessas margens, é capaz de criar uma vertente ou de nutrir novas vertentes da narrativa histórica, cultural e literária, que outra coisa não é, senão a possibilidade de reescrita da historiografia literária.

Essas vozes trazidas à tona e que ressoam dos arquivos e das margens trazem uma perturbação à grande narrativa da tradição crítico-literária, como ressalta Homi Bhabha: “A comunidade perturba a grande narrativa globalizadora do capital, desloca a ênfase dada à produção na coletividade "de classe" e rompe a homogeneidade da comunidade imaginada da nação. A narrativa da comunidade substancializa a diferença cultural” (1998, p. 316).

Recepção do Modernismo

Nem tudo foi recepção festiva, aplausos e adesão ao Modernismo. Minas Gerais não apenas tem fama, é certo que a desconfiança e as inconfidências sejam características peculiares de sua cultura. No artigo “A recepção do Modernismo na imprensa de São João del-Rei” (LIMA, 2013, p. 4) apresentamos alguns entraves ocorridos na recepção do Modernismo, não apenas em São João del-Rei, mas em Minas Gerais, e por toda parte do Brasil, numa atitude ambígua que ao mesmo tempo que recebe, celebra, pratica a estética modernista nas artes, na cultura, rechaça algumas ideias arraigadas à tradição cultural e literária, sobretudo do parnasianismo e do simbolismo, ambos de influência inequívoca na arte e no pensamento poéticos dessa época.

Assim, em 24 de abril de 1924, o jornal *A Tribuna*, em São João del-Rei, publica em sua primeira página, o artigo “Palmo e meio”, assinado por T.B – provavelmente, Tancredo Braga (LIMA, 2004), um dos fundadores do jornal:

Em consequência da sobrelevante honra concedida por D. Helvécio, a suprema autoridade eclesiástica de Minas, de pontificar aqui nas festas da Semana Santa, a cidade esteve cheia de forasteiros.

Dentre grande número de visitantes ilustres, sem falar nos conterrâneos residindo fora da terra natal – é preciso que registremos mui desvanecidos a visita feita a São João del-Rei por um grupo de artistas e intelectuais que aqui vieram para assistir aos atos sacros e admirar as antigas belezas arquitetônicas de nossa cidade.

Senhora Olívia Guedes Penteado, dama da mais nobre distinção, figura luminar da alta aristocracia paulista. Senhorinha Tarsila do Amaral, pintora, alma de verdadeira artista, de rara e perfeita beleza. Blaise Cendrars, nome popular em França, o que vale dizer em todo mundo, considerado um dos maiores intelectuais parisienses. Espírito jovial, boêmio e sonhador. Cinco anos de guerra. Um fuzil alemão inutilizou-lhe o braço. Dr. René de Castro Thiollier, redator do “Jornal do Comércio de São Paulo”, autor do livro *Senhor Don Torres*. Dr. Oswaldo de Andrade, literato, jornalista. Publicou o livro *Condenados*. Dr. Mário de Andrade, redator do “Correio Paulistano”, professor do Conservatório de São Paulo, autor de *Paulicéia Desvairada*. Tem publicado os livros *Mar da Noite* e *Fada Nua*.

Esta plêiade de pensadores e homens de letras são, com Graça Aranha e Ronald de Carvalho, no Rio de Janeiro e Paulo Prado, em São Paulo, os introdutores no Brasil do chamado “movimento literário”, essa coisa nova, ultra-original e esquisita também, conhecida por “futurismo” que conseguiu suplantar o simbolismo e o cubismo. São eles os organizadores da “Semana de arte” que tanto sucesso tem causado na paulicéia. Essa cidade, hospedando gente de tão alta estirpe mental, sente-se vaidosa, desvanecida, principalmente porque saíram encantados, levando a melhor impressão, “croquis” e fotografias para contar lá fora, nas folhas paulistas e francesas as nossas grandezas. São João del-Rei falada em Paris. Que ponta!

(*A Tribuna*, ano X, n.537, 24 de abril de 1924).

No entanto, em meio ao desvanecimento e à vaidade de São João del-Rei por hospedar “essa gente de tão alta estirpe”, em 5 de março de 1925, um ano após a visita, a passagem da caravana de modernistas, *A Tribuna* publica, na primeira página, da edição nº627, uma espécie de manifesto antifuturista, “Verso futurista... Abaixo o futurismo!”, assinado por J. Brandão:

Abaixo a arma perigosa daqueles que, desprotegidos da prenda espiritual que lhes fora negada pelas potências arqui-divinas, procuram pô-las em prática contra a rainha excelsa das sinfonias cadenciadas: – a métrica, embarcação capaz de conduzir no bravio oceano da realidade, e também da fantasia, anjo tutelar dos templos de Polymnia – a poesia!

Esses incapazes, empurrados pelo desejo ardente de uma composição versificada, embrenham-se, audaciosamente, pela trilha barulhenta onde se encontra instalado a palacete do já célebre futurismo.

Esse hipotético “rei da elegia hodierna” pensa em penumbrar a humanidade experimentada, que se não cansa de gritar por todos os povos: Abaixo o “pé-quebrado”! Abaixo o intrujão! Abaixo o pseudo transformador dos cânticos autênticos, expelidos pelos lábios alcanforados das deusas que residem no pantheon das graças – imortalizadas pelos sons eólicos das harpas melodiosas que lhe servem de guia – quando sobre suas cabeças desce esse misterioso e sobrenatural dogma instituído na arquipotente métrica: os sons cadenciados pelas sílabas tônicas que vêm ferir o ouvido daqueles contemplados pelo ideal e infusos a esse recurso pulveráceo, surgido das entranhas artimanhosas da vetusta inveja!

Abaixo o futurismo! – é o estribilho do universo em peso!

E eles, os adeptos, os perseguidores e incapazes de reproduzir em estrito verso, prosseguem, na mais viva esperança de enlutar o paraíso aquático, onde os cisnes de plumagem alva adormecem 13 embalados aos sonoros cânticos metrificados pelos lábios purpurinos das sereias!...

Abaixo o futurismo! É o grito irresistível que se ouve de norte a sul!

(A Tribuna, ano XI, n.627, 5 de março de 1925).

O Modernismo por Minas

Em Minas sempre se trama pela liberdade. Tem-se, pois, nas páginas desse jornal do interior de Minas Gerais, a reação que reitera a recepção do Modernismo, em todos os tempos, pela sociedade brasileira, por via de um antagonismo entre o aplauso, a recepção, a vaia e rejeição. As montanhas, as cavernas, as cidades ilhadas no meio da pedra, tudo trama em silêncio pela liberdade. E no âmbito dessa desconfiança da caravana de modernistas e aplicou por alguns lugares por onde esteve o conhecido provérbio “a caravana passa e os cães ladram”, no sentido de que Minas Gerais não teria se lixado muito para essa visita, para essa viagem. Ou seja, por aqui, a arte, a literatura, a música, o cinema, enfim, a cultura não daria ouvidos aos

murmúrios que essa caravana causava em seus deslocamentos pelas cidades mineiras nessa espécie de nova trilha pelas estradas, agora, reais, de Minas. As tradições em Minas não se renderiam aos desvarios e até o suposto deboche do afã dos modernistas que se deslocam até Minas, precipuamente, em busca de história e do passado.

Sem dúvida, o Modernismo brasileiro não se faria, ou, minimamente, não se quis à revelia do patrimônio cultural que as tradições foram sedimentando ao longo dos séculos e, nesse aspecto incide o aprendizado de que a resistência de Minas aos desvarios do Modernismo imprime maturidade ao movimento. Minas não se fez de surda à caravana de modernistas mas impôs sempre o seu olhar, a sua voz, o seu acento específico à modernidade, sempre em conexão com as tradições seculares de seu patrimônio cultural. Dito de outra forma, em Minas se espera que a poeira excedente da caravana se assente de novo ao chão do caminho, por entre as pedras, para que a partir daí possa se enxergar, talvez melhor, espiar de novo, com menos inexatidão até mesmo as novas direções, as novas trilhas.

Por outro lado, a produção, em especial, a que se trata, aqui, literária, manteve-se arraigada aos cânones literários consagrados, pelos jornais do interior, salvo as revistas e as páginas que, timidamente, acenaram para algum tipo de adesão ao projeto modernista. A produção literária que circula, sobretudo nos jornais e em alguns suplementos reiteram a resistência à aceitação e à prática literária, sobretudo a poesia, à liberdade, aos liberalismos que o modernismo sugeria e que praticava como novo padrão estético artístico.

A *Tribuna*, mais do que veicular, de forma peculiar, possivelmente, exclusiva, no interior de Minas, a passagem da “caravana de modernistas”, de São Paulo a São João del-Rei, em suas páginas jornalísticas, expõe certa aversão e repúdio ao Modernismo, confundido com futurismo e que por aqui foi alvo de uma aversão, em termos da arte e da criação literária. Este semanário que também se intitulava “literário” reitera a tradição poética, em especial, do parnasianismo e simbolismo, como o verdadeiro fazer poético. A *Tribuna* mais do que noticiar, endossa esse equívoco, essa ambiguidade, entre a recepção de 1924, dispensada à caravana de modernistas na cidade, no coração de Minas Gerais, e a rejeição ao Modernismo, confundido com futurismo, em 1925, professando fé poética no cânon literário tradicional.

Neste aspecto, também o *Suplemento Literário do Jornal do Povo*, por sua vez, distante quase vinte anos da Semana de Arte Moderna, reitera uma produção poética cuja afinidade maior está mais para o parnasianismo e simbolismo do que para a estética do Modernismo.

Embora se note uma tendência de aproximação e de uso dos recursos modernistas da linguagem poética e artística, que soa como traição inconsciente frente à ambiguidade do desejo de aderir à nova estética, porém, por uma produção ainda realizada aos moldes do cânone tradicional.

Temos, então, alguns dados que merecerem atenção no âmbito desses estudos sobre o *Suplemento Literário do Jornal do Povo*, que nos remete à prática do Modernismo em Minas Gerais.

Primeiro, as revistas por terem sido criadas mais próximas da Semana de Arte Moderna (1925 a 1929) e por reunirem, essencialmente, jovens escritores e poetas, tanto a criação quanto a linguagem poética manifestam um nível de comprometimento maior com a estética modernista, reiteram os projetos modernos, a libertação, tanto do verso quanto do poeta. Até mesmo as revistas que se distanciam vinte anos de 1922, como as revistas surgidas na década de 50 e que reiteram essa afinidade com o Modernismo. Mesmo assim, as primeiras manifestações em revistas, em Minas Gerais, acontecem após três e cinco anos de 1922. Comedidamente, Minas Gerais se aproxima do Modernismo, ainda que Mário de Andrade e suas ideias tenham sempre fascinado os mineiros.

Segundo, o caso especial, tanto do *Suplemento Literário do Jornal do Povo* que é antecessor do *Suplemento Literário de Minas Gerias*, posto que aquele seja de 1950 e esse de 1966, quanto da poesia, da prosa, da crítica literária de *A Tribuna*, demonstram a pluralidade de concepções estéticas, literárias e culturais na constituição do Modernismo em Minas Gerais. Nota-se, não importando a proximidade maior ou menor da Semana de Arte Moderna, uma convivência, nem sempre pacífica entre métodos e cânones consagrados quanto às liberdades e liberalismos da concepção estética do Modernismo.

A diáspora de escritores e poetas de Minas Gerais para o Rio de Janeiro e São Paulo é um fato histórico com ocorrência, praticamente, em todas as regiões de Minas Gerais e objeto de análise dessa ambiguidade, aprovação/distanciamento de Minas Gerais em relação com o Modernismo. O escritor Affonso Romano de Sant'Anna fez menção a esse movimento de ir sem sair de Minas Gerais e que se faz em dois sentidos: um, para fora, que leva, sem tirar de Minas Gerais, numa desterritorialização do escritor que reterritorializa, quotidianamente, Minas dentro dos olhos, da memória, do desejo; outro, para dentro de Minas a esconder-se em si

mesmo, a esconder Minas dentro de si, como se encenasse correspondência entre a Minas Gerais real e Minas Gerais escrita (ÁVILA, 2011, p. 240).

Todavia, como nem todos os escritores e poetas puderam sair de Minas Gerais nessas diásporas que se prolongaram por muitas décadas, ou nem fosse mesmo razoável que todos saíssem de Minas, por aqui, mesmo com o diálogo constante destes escritores, poetas e intelectuais de Minas Gerais com os do Rio de Janeiro e São Paulo, fundaram-se algumas revistas e suplementos literários, ou simplesmente jornais em que se reuniam a força sempre ativa da literatura, da cultura, da arte e do pensamento em Minas Gerais. Quanto mais se avança pelo interior de Minas, mais distante dos grandes centros e até mesmo de Belo Horizonte, mais esses intelectuais sentem a necessidade de dizer, de mostrar que também pelo interior se mantém a chama do pensamento, da cultura, das artes e da literatura. Esses movimentos vão fazendo rizoma com os movimentos de organização das ideias e dos ideais modernistas. Menos inexata se mostra a ideia de que o Modernismo nunca propôs destruição alguma do patrimônio cultural brasileiro. Pelo contrário, ansiava por somá-los aos esforços por uma identidade cultural brasileira.

Dáí a relevância desse Suplemento Literário, não só para Ponte Nova, mas para Minas Gerais e a para os estudos do Modernismo que, inaugurado pela Semana de Arte Moderna, chega ao centenário, quando também esse órgão literário completa setenta e um anos, permanecendo, praticamente, à margem dos estudos contemporâneos de literatura e do próprio Modernismo que ainda continua revelando vertentes inéditas, reiterando a sua dimensão pelo País.

Esse pensamento é que inspiraria Murilo Rubião, em 1966, onze anos após o *Suplemento Literário do Jornal do Povo* encerrar sua publicação, a criar o *Suplemento Literário de Minas Gerais*, com o objetivo semelhante, ainda que mais abrangente, de abrigar textos de literatura, cinema, artes plásticas, teatro e música, com reportagens, entrevistas, ensaios, críticas, poesia e depoimentos que se forjam no interior de Minas Gerais, ao mesmo tempo, numa inversão dos acontecimentos culturais e numa ascensão dos movimentos culturais realizados na periferia dos grandes centros.

É importante destacar que embora anterior ao *Suplemento Literário de Minas Gerais*, o *Suplemento Literário do Jornal do Povo*, de Ponte Nova, não foi motivador da criação do *Suplemento Literário de Minas Gerais* o que não diminui sua importância maior por se tratar

de órgão antecipador de um projeto relevante para a cultura, a literatura e a arte em Minas Gerais e que seria realizado pelo *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Ressalte-se, ainda, a importância do Suplemento Literário de Ponte Nova para a cidade e para toda Zona da Mata mineira.

O *Suplemento Literário de Minas Gerais*, posteriormente, foi incorporado pelo Governo de Minas que ainda hoje custeia a sua impressão e a sua distribuição, razão de sua longevidade contra a efemeridade de órgãos mantidos apenas pelos jornais do interior, custeados pela paixão de jornalista e escritores de seus parvos recursos pessoais, pela cultura de Minas e pela divulgação de sua produção literária.

O jornalismo, de certa forma, sempre se permite enquanto laboratório de experimentalismos, de programas jornalísticos e, sobretudo, da escrita, em especial a escrita literária, quando suas páginas eram eivadas de literatura, fazer conviver, em seu interior, no exercício diário de sua escrita, inúmeros gêneros, como o literário, o epistolar, a informação, a comunicação, o entretenimento, a publicidade.

Ou seja, trata-se da formação de uma grande rede de conexão, que forma o patrimônio cultural, permitindo o deslocamento dos olhos da “obra acabada” numa mirada para o processo de criação artística.

Referências Bibliográficas

ÁVILA, Myriam. O diário e a diáspora. *Ipotesi*. Juiz de Fora, v.15. n.1, jan/jun, 2011, p. 235-240. Disponível em <www.periodicos.ufjf.br>. Acesso em 21 dez.2022.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliane Livia Reis, Glauce Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998

BLOOM, Harold. *A anatomia da influência: literatura como modo de vida*. Tradução Ivo Korytowski e Renata Telles. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista por seus contemporâneos*. São Paulo: EDUSP, 2000.

BORDINI, Maria da Glória. Os acervos de escritores sulinos e a memória literária brasileira. *Patrimônio e memória*. São Paulo. v.4, n.2, jun.2009, p.35-54. Disponível em: <<https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/54/501>>. Acesso em: 4, jun.2022.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997, p.73-79.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução Cláudia Morais Rego. São Paulo: Relume/Dumará, 2001.

LIMA, P. Trônio: os olhos e os olhos de azeviche. *Vertentes*. São João del-Rei, n. 24, p. 76-83, 2004.

_____. O acervo como rizoma. *Em Tese*. Belo Horizonte, UFMG, v.9, p 237-244, dez 2005.

_____. *A recepção do modernismo na imprensa de São João del-Rei*. São João del-Rei. 2016. Disponível em: <<http://www.bibliotecamunicipalsjdr.com.br/bca>>. Acesso em: 5 out.2019.

_____. *Dicionário de escritores e poetas são-joanenses*. Barbacena: Gráfica Editora Barbacena, 2021.

NATAL, Caion Meneguello. Mário de Andrade em Minas Gerais: em busca das origens históricas e artísticas da nação. *História Social*. n.13, Campinas (SP), p. 193-207. Disponível em <quatrocinco.com.br>. Acesso em 20 dez.2022.

RONILK, Suely. Furor do arquivo. *Arte e ensaios*. UFRJ, Rio de Janeiro. v.19 n.19, 2009, p. 97-105. Disponível em: <www.revistas.ufrj.br>. Acesso em: 2 jun.2022.

SHEIKK, Luciano. *A história da literatura em Ponte Nova*. Ponte Nova: Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova (ALEPON), 2013.

_____. *Pesquisa da história da literatura em Ponte Nova*. Ponte Nova: Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova (ALEPON), 2016.

VASCONCELOS, Edgar. A metrópole e a província. SHEIKK, Luciano. *Pesquisa da história da literatura em Ponte Nova*. Ponte Nova: Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova (ALEPON), 2016.

VIEGAS, Augusto. *Notícias de São João del-Rei*. 2 ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1974.

RESUMÉ: Cet article présent le resultat partiel d'une recherche en cours sur le centenaire de la Semaine d'Art Moderne, basée sur la possibilite de réécrire l'historiographie litterréaire issue de la pluralité des courants du modernisme dans la campane du Minas Gerais, en particulier à São João del-Rei et à Ponte Nova.

MOT CLÉS: Modrnisme, Historiographie littéraire, Coulisses de la création, Sources primaires.